



JULINHA, A MOÇA DO BAR, SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSISTÊMICA E DO IMAGINÁRIO: UMA ANÁLISE DO CONTO O BAR, DE IVAN ÂNGELO

Maria Ivoneti Ramadan (NELIM)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/Nelim/CNPq)

... nossa vontade de justiça, igualdade e liberdade, nossa sede de conhecimento e iluminação espiritual e nosso desejo de amor e beleza serão enfim libertados. Depois do sangrento desvio da história androcrática, tanto mulheres como homens enfim encontrarão o significado do que é ser humano. (Riane Eisler)

Resumo: Desde que as correntes linguísticas criaram mecanismos com os quais um leitor/enunciário tem a prerrogativa de se colocar como coautor do texto, o analista do discurso, como leitor, encontra-se diante de um compromisso: o de não extrapolar o que de um texto se pode extrair em termos de sentido. Na tentativa de buscar o justo equilíbrio entre o que o texto suscita e a perspicácia interpretativa do leitor, recorreremos à Análise do Discurso Ecolinguística (ADE) para analisar o conto *O Bar*, de Ivan Angelo, com o propósito de descrever e analisar a construção dos sentidos gerados por *sujeitos* que empregam *linguagens* (face a face, virtual ou potencialmente) dentro de *contextos* ecossistêmicos interacionais de comunicação: meios ambientes natural, mental, social. As considerações - nada conclusivas quanto ao percurso narrativo das personagens masculinas do conto - são respaldadas, subsidiariamente, por premissas estabelecidas pela teoria do Imaginário de Gilbert Durand e pela comparação com outras personagens literárias psiquicamente cindidas, de acordo com a teoria do duplo. Assim sendo, ao conjugar processos de análise, o analista ecossistêmico do discurso apropria-se de um arcabouço teórico menos deslizante, propício a desvendar o inteligível, o sensível, o superficial e o profundo, enfim, o que se insere nos interstícios do texto.

No entanto, em que pese o suporte teórico aplicado à análise, na tentativa de trazer à luz a intencionalidade do narrador e o que subjaz ao que está posto na construção dos enunciados narrativos, as estratégias de análise não são infalíveis. Além disso, a opacidade do texto literário,

por seu caráter polissêmico, impõe ao analista se situar no terreno da verossimilhança e não no da verdade factual. Assim sendo, Julinha, a moça que entra no bar para telefonar, ao mesmo tempo que serve como modelo de denúncia social, também contribui, para que o analista da ADE pondere acerca da necessidade de relações mais humanizadas entre homens e mulheres.

Introdução

Para se fazer uma análise de qualquer texto-discurso, literário ou não, pela Análise do Discurso Ecológica (ADE), é preciso ter em mente que ela é parte da Linguística Ecológica, segundo a qual a língua é interação, comunicação e diálogo. Por isso, é necessário ressaltar dois momentos distintos: aquele em que o autor formula o texto-discurso e aquele em que o texto-discurso é recebido por algum leitor, que pode ser o próprio analista.

No primeiro contexto, temos a comunicação do autor consigo mesmo, espécie de “diálogo interiorizado” entre um “eu locutor” e um “eu ouvinte” (BENVENISTE, 1989: 87). Ou, então, um “diálogo viciado” nas palavras de Mikhail Bakhtin. De acordo com Bakhtin, “penetrando fundo na essência dos parágrafos, convencer-nos-emos de que, em certos aspectos essenciais, eles são análogos a réplicas de um diálogo”. Vale dizer, “trata-se, de qualquer forma, de diálogos viciados trabalhados no corpo de uma enunciação monológica”. Para o pesquisador, “na base da divisão do discurso em partes, denominadas parágrafos na sua forma escrita, encontra-se o ajustamento às reações previstas do ouvinte ou do leitor”. Ou seja, a estrutura representa um tipo de interação com o leitor, mesmo que tenha de colocar o “eu ouvinte” no lugar dele. Bakhtin chega a dizer que “os tipos clássicos de parágrafo são: pergunta e resposta (o autor faz as perguntas e dá as respostas)” (BAKHTIN, 1981: 141).

Aplicando esse procedimento na análise do conto “Bar”, de Ivan Ângelo, temos uma sequência de “turnos” do diálogo interiorizado, no contexto de uma interação comunicativa não prototípica que se encerra com a seguinte “fala”: “Os três homens, narinas dilatadas, formavam um meio círculo em torno dela”, trecho cujo valor contextualizado deixa implícito que, em seguida, aconteceu um estupro coletivo, tipo de violência brutal, promotora de profundos traumas, tendo impactos imensos sobre a vítima e que, no caso específico da situação descrita no texto, não deixa margem, para que o praticante de ADE intervenha, a fim de minorar o sofrimento da personagem. Diante dessa impossibilidade de atuação, talvez apenas reste a ele expor o sofrimento da vítima e cogitar quanto aos impactos dessa ação na vida dela, buscando com isso enfatizar o absurdo da situação e, desse modo, tentar promover uma reflexão e uma conscientização, por meio das quais se possa contribuir, para que violências como essa não se repitam ou, pelo menos, diminuam em quantidade.

Passada essa fase, entramos no universo narrado pelo conto, o que representa o segundo momento de interação comunicativa, aquele em que “o texto-discurso é recebido por algum leitor”. A recepção por um ou alguns leitores é difícil de ser averiguada. Não sabemos quem recebeu o texto-discurso. Sabemos que muitas pessoas, principalmente do meio acadêmico, podem tê-lo recebido, mas, uma vez recebido, restam-nos as incógnitas sobre como, onde e quando. Para mitigar um pouco essas incertezas, podemos partir do impacto que o texto despertou em nós, sujeitos responsáveis pela escrita deste estudo. Vamos adentrar o universo do conto e analisar os sentidos contextuais das interações comunicativas que se deram em seu interior, a fim de investigar os valores daquilo que emerge delas, utilizando o instrumental teórico da Análise do Discurso Ecológica.

ECO-REBEL

A Análise do Discurso Ecolinguística, como disciplina ecolinguística criada para a investigação de textos-discursos, propõe-se a descrever e analisar a construção dos sentidos gerados por *sujeitos* que empregam *linguagens* (face a face, virtual ou potencialmente) dentro de *contextos* ecossistêmicos interacionais de comunicação (meios ambientes natural, mental, social).

No caso do conto, temos a interação comunicativa potencial como um meio indireto de abordar o interlocutor, na medida em que se mobilizam regras interacionais diferentes daquelas que são regulares na interação face a face (direta). As regras interacionais, mobilizadas numa interação por meio da escrita ou das imagens de um filme, se distanciam do que é o padrão comunicacional da interação face a face, na medida em que autor e o leitor não se encontram no mesmo espaço (atópico), mas num território que é somente potencial, pois não é possível definir o local em que a leitura ocorre, já que o próprio leitor/espectador é idealizado, não podendo ser definido. Nesse caso, cria-se um ambiente de pressuposição sobre quem sejam os interlocutores. O tempo da interação comunicativa potencial é sempre assíncrono, na medida em que a escrita e a leitura não acontecem no mesmo momento, mas em situações temporais bem distintas. Essa situação se assemelha à dos simulacros comentados por Silva (2017) em que os interlocutores interagem à distância simulando interações face a face; pelo menos cada um sabe quem é o outro.

No caso do texto-discurso literário, temos um tipo de comunicação potencial, que se caracteriza pelas produções linguísticas efetivadas em relação a interlocutores pressupostos, como livros, revistas e filmes, que não se constituem como ato, até que sejam acessadas e compreendidas, efetivando a comunicação. O seu processo de compreensão e interpretação requer estratégias que envolvam dados de vários níveis discursivos e do contexto da interação comunicativa. Partindo dessas premissas, a análise desses contextos comunicativos busca evidenciar a utilização da língua e os pressupostos da ADE. Teorias auxiliares podem fornecer subsídios ao analista ecossistêmico do discurso que, em sua análise, conjuga processos de inteligibilidade (significados do texto) com os de sensibilidade (sentidos do texto) para interpretar o discurso, levando-o a compreender o processo e o percurso do sentido que vai além do ecossistema natural, mental e social, podendo alcançar o universo em que os seres se encontram em interação virtual e virtualmente interligados do ponto de vista ecológico.

Análise

Tomando como cenário de interação comunicativa o conto “Bar” do mineiro Ivan Ângelo, nascido em 1936 na cidade de Barbacena, Minas Gerais, passaremos agora a uma análise dos atos de interação comunicativa que aí se dão. Para iniciar nossa análise, ressaltamos que o texto foi publicado em *A Face Horrível* (Editora Nova Fronteira, 1986), trazendo valores e sentidos específicos do contexto histórico em que essa coletânea foi produzida.

Com a convicção de que um texto literário é uma obra em aberto, isto é, sempre diz mais do que nos mostra à primeira vista, cuidamos de montar um construto teórico, tendo como ponto de partida os princípios da ADE, conjugados com os fundamentos do trajeto antropológico do imaginário de Gilbert Durand. Com o intuito de validar nossa análise, perguntamo-nos se as personagens masculinas seriam tipos narrativos psiquicamente fragmentados ou não, de acordo com a teoria do duplo.

Como se trata de um texto literário, o seu processo de compreensão e interpretação determina que se reconheçam a presença de um enunciador e de um enunciatário e as estratégias utilizadas pelo enunciador/narrador no plano do discurso e no plano de expressão.

ECO-REBEL

No caso do conto, pode-se dizer que o narrador se utilizou dessas estratégias “de caso pensado,” isto é, estabeleceu com o enunciatário uma relação de fé, de fidedignidade, mais ou menos assim: “confie em mim, em minha competência enunciativa.” Para tanto, apontemos as pistas levantadas ao longo da leitura e interpretação do conto.

O título do conto já é uma síntese do assunto tratado no texto-discurso. A palavra *bar* significa *balcão diante do qual pessoas, sentadas ou em pé, em bancos altos consomem bebidas, iguarias* (Aurélio, 2020). A isotopia criada pelo título aponta para um cenário culturalmente masculino, propício ao desabrochar das emoções masculinas. É no bar que o homem divaga, vai beber com os amigos e, sob o efeito do álcool, libera-se de leis de comportamento social que, dentro daquele ambiente, não vigoram. Embora hoje não haja impedimentos para o livre trânsito de mulheres, o que significa que elas podem frequentar espaços, que antes eram reservados a homens, há que se considerar que o conto foi escrito na década de 80, o que valida a ampliação isotópica do termo “bar”. É nesse cenário (natural, mental e social) que se fala e se desculpa toda a veemência que acompanha uma eventual descoberta, ou ação de algum aspecto da comunidade de fala e de cultura onde se vive. Interessante constatar que, de lá para cá, houve uma expansão semântica da palavra *bar* para *barzinho*, ao mesmo tempo em que ocorreu uma mudança no perfil dos frequentadores. Deixou de ser território dominado pelos homens. Nos *barzinhos* da Vila Madalena em São Paulo, mulheres são muito bem-vindas.

No conto, percebem-se diversos tipos de interação comunicativa, mesmo que às vezes por gestos, posturas ou por meio do olhar. A ecologia da interação comunicativa é o bar que, no caso, funciona como o lugar, o território (T) de todas as interações comunicativas que se dão no conto. Os locutores (F) e ouvintes (O) são vários; não houve interação comunicativa apenas entre duas pessoas; havia vários interlocutores. Vejamos alguns atos de interação comunicativa que se deram entre algumas pessoas (todas elas homens) no decorrer do conto.

Preparando o cenário para as interações que se seguirão, o narrador – função determinada pelo autor do texto – inicia o texto do seguinte modo: “No primeiro parágrafo *A moça chegou com sapatinho baixo, saia curta, cabelos lisos castanhos arrumados em rabo-de-cavalo, sorriu dentes branquinhos muito pequenos, como de primeira dentição, e falou: ‘o senhor me deixa telefonar?’ de maneira inescapável*”.

Na interação entre narrador e leitor, temos uma personagem feminina, que é descrita como aquela que não possui poder, o que pode ser comprovado pelos usos dos adjetivos *baixo*, *pequenos* e *inescapável*. O uso do diminutivo em *sapatinho* assim como o adjetivo *baixo* que qualifica o *sapatinho* lhe dá um acento disfórico, pois presentifica a ideia da falta de algum poder. Na referência aos dentes há outro valor que indica certa inferioridade da personagem feminina, pois, apesar de ser uma possível alusão a um princípio de força – no caso, a da mastigação (CHEVALIER; GHEERBRAN, 1996) – a intensidade dessa força é escassa, porque a moça apresenta dentes muito pequenos. O adjetivo *inescapável* é subjetivo, avaliativo, posposto ao substantivo *maneira*, modificando-o. Com isso, ele sugere a marca da não autonomia. Além desses valores, o adjetivo *inescapável* é o primeiro indício de um contexto em que se percebe a representação de uma “caçada” ou mesmo uma “armadilha”, situação em que a moça se encontra na posição de “caça” ou de “vítima” fraca e até indefesa.

Podemos até apresentar um contraponto às afirmações acima. Afinal, a moça teve livre arbítrio para ir ao bar e escolher a vestimenta usada. Ao conversar com Octacílio por telefone e com a mãe, nota-se que está determinada a agir, de acordo com sua vontade: tem um ponto de vista e o defende. Emprega um tom ardiloso, um tanto malicioso até, nas falas dirigidas a Octacílio:

ECO-REBEL

Papai não vai deixar. Só se... Só se eu falar com a mamãe e ela falar com ele.

Ou a autoconfiança que demonstra em:

-M: Ora, que que eu vou falar. Não sei, pô. Eu dou um jeito. Pode deixar que eu me viro.

Em que pese a possibilidade de se notar aí um contraponto, não se pode perder de vista que o momento em que o conto foi escrito era quase que exclusivamente marcado pelo domínio masculino em todas as instâncias sociais. Além disso, se o título de qualquer texto pode ser uma “porta aberta” para sua compreensão, o título *O BAR*, como instância espacial de configuração de sentido, torna-se bastante ilustrativo. Dessa maneira, o espaço e o tempo são vistos como um sistema de sentidos aos quais se atribuem significações e valor.

Mas retomemos as falas da moça com o dono do bar, a primeira em tom corriqueiro:

-M: senhor me deixa telefonar?

Ao que ele respondeu com outra pergunta:

-D: e a senhora o que é?

A moça repetiu a solicitação-pergunta, agora com ar suplicante:

-M: posso telefonar?

Só após essa segunda solicitação o dono do bar respondeu, passando-lhe o velho aparelho telefônico:

-D: pois não (pedindo a ela que fosse breve)

Houve outros minidiálogos e uma exclamação da moça de que o telefone era pesado, sendo seguida da explicação do dono do bar dizendo que o aparelho era antigo. No segundo parágrafo temos:

O homem da caixa registradora estava olhando o movimento do bar, tomando conta de maneira meio preguiçosa, sem fixar muito os olhos no que o rapaz do balcão já havia servido aos dois fregueses silenciosos, demorando-os mais no bêbado que balançava-se à porta do botequim ameaçando entrar e afinal parando-os no recheio da blusinha preta sem mangas que estava à sua frente, o que o fez despertar completamente com um e ‘a senhora o que é’?

Esse excerto descreve uma série de atitudes, pelo olhar, do “homem da caixa registradora”. O homem da caixa registradora não estava interessado na ação do bar nem na sua funcionalidade. Na verdade, ele se preocupou menos com o que estava sendo servido no balcão e mais com o bêbado à porta. Pode-se tomar a embriaguez do bêbado em sentido figurado, considerando que “o recheio da blusinha preta sem mangas” foi a “bebida” que desencadeou visualmente uma série de interações comunicativas que culminariam com o desfecho do que se passou dentro do bar.

Em “*parando-os no recheio da blusinha preta sem manga*”, temos uma analogia com o recheio de alimentos, visto como o mais apetitoso, pois na nossa cultura o ato sexual é associado, da perspectiva do homem, à ação de comer. Ainda em 2020 muitas vezes ouvimos alguém dizer que as mulheres colocam certo tipo de roupas para provocar o homem. Com isso, é possível entender o diminutivo de blusa, ou seja, “blusinha” como designando o valor de pequena e que, somada a “cor preta e o sem manga”, pressupõe braços expostos, algo que parece

ECO-REBEL

desculpabilizar o olhar do homem da caixa registradora para os seios da mulher. Afinal, ela possui feminilidade e

O homem falou 'pois não' e levantou a mão meio gorda do teclado da caixa registradora, abaixou-a olhando para o bêbado que subia o degrau da porta, retirou de uma prateleira debaixo da registradora um telefone preto onde ainda estava gravado no meio do disco o selo da antiga Companhia Telefônica Brasileira e empurrou-o para a moça dizendo 'não demore por favor que já vamos fechar'.

O bêbado, em consonância com o ambiente tendencioso à liberdade possibilitada pelo álcool, deixa aflorar o desejo. Assim, os verbos “olhando para o bêbado e parando no recheio da blusinha” apontam para o reconhecimento de uma presa. De certo modo, desde o início do texto, percebe-se certa cumplicidade entre as três figuras masculinas. Mas é no final que essa cumplicidade se concretiza de modo mais preciso, quando os três homens aprisionam a moça num círculo.

Se as três figuras masculinas forem lidas à luz da constituição tripartite da mente humana, segundo Freud, o bêbado poderia corresponder ao ID, uma vez que está guiado pelo princípio do prazer e pelo instinto, instância impermeável a qualquer ética e moral. O rapaz do balcão e o homem do caixa, ao contrário do bêbado, estão trabalhando, cumprindo uma função social, portanto, estariam sob a égide do EGO, elemento equilibrador entre as forças obscuras do ID e a ordem socialmente estabelecida, inscrita no Superego. No entanto, todos eles são seduzidos pelo tique-taque do desejo, embalados pelo barulho da caixa registradora, sonoridade expressa por meio das onomatopeias do texto. Evidente que onomatopeias são uma linguagem, mas, nesse contexto, são desprovidas de um propósito interativo, a não ser o de um pacto velado e cúmplice: o instinto deve prevalecer sobre a conduta socialmente aceita.

No oitavo parágrafo, temos: “*O homem da caixa tirou os olhos do dedo, pegou um lápis enganchado na orelha direita e anotou a milhar explicando é 'pra o bicho', não se importando se a moça ouvia ou não e devolveu o lápis à orelha enquanto olhava o bêbado que navegava agora à beira do balcão*”. O olhar deixou o espaço do bar, pois já havia olhado para uma parte do corpo humano feminino.

Em seguida, a moça travou um diálogo ao telefone. De seu interlocutor ficamos sabendo apenas o nome, que é Otacílio (O). Sua fala não aparece, fato indicado pelas reticências:

-M: *Quer fazer o favor de chamar o Otacílio* (e ficou esperando, observada por um homem que “cheirava a cigarro”).

Após ser observada como objeto (pernas, seios), finalmente alguém atendeu o telefone, e ela sempre observada pelo homem do caixa e pelo bêbado:

O:

-M: *Oi! demorou hein? Ficou com raiva de mim? Pensei. Não me ligou.*

O:

A moça continuou dizendo, ao telefone:

-M: *Mas não é isso, não é nada disso*

ECO-REBEL

O:

Logo em seguida:

-M: *Não sei... fiquei com medo, só isso.*

O:

Sempre observada pelo bêbado.

-M: *Não, não. Não é de você. Acho que é assim mesmo, não é?*

O:

Continuou, observada também pelo homem do caixa:

-M: *Poxa, Otacílio, pensa. O tanto de coisa que vem na cabeça da gente numa hora dessas. Vocês acham tudo fácil.*

O:

A essas alturas, o homem do caixa já estava com a cara “mais desperta e maliciosa”, quando ela disse:

-M: *Claro que é difícil. É só querer ver o lado da gente, pô.*

O:

O rapaz do caixa e o bêbado já estavam tão “animados” que o primeiro acabou bebendo o resto da pinga do segundo, enquanto a moça continuava:

-M: *Tá legal. Eu também acho: vamos esquecer o que aconteceu ontem. Falou.*

O:

Diante da resposta do Otacílio, ela “sorriu excitada”, mostrando seus “dentes branquinhos”.

Nisso, o homem do caixa e o da porta selaram a “cumplicidade masculina”, quando a moça disse:

-M: *Não, sábado não dá. Aí já passou. Ora, como. Passou do dia, Ota, não dá. Não dá pra explicar aqui. Você não entende? Tem dia que dá e tem dia que não dá, pô.*

O:

Quando os homens já estavam chegando ao fim de seu plano perverso, a moça disse:

-M: *Uai, só daqui a uns quinze dias. Lógico que eu me informei.*

O:

Já sentindo o que os homens tinham na cabeça, ela continuou:

-M: *Hoje!? Tá louco?*

E a conversa da moça com o Otacílio continuou:

-M: *Papai não vai deixar. Só se... Só se eu falar com a mamãe e ela falar com ele.*

O:

-M: *Ora, que que eu vou falar. Não sei, pô. Eu dou um jeito. Pode deixar que eu me viro.*

O:

M: *Não, eu vou. De qualquer jeito eu vou. Agora eu que tô querendo (o homem do caixa já com a cara “debochada”).*

O:

-M: *Então me espera. Eu vou aí. Chau.*

Depois de terminar a ligação, disse para o dono do bar:

-M: *posso ligar só mais unzinho?*

ECO-REBEL

Nisso, “olhando fixamente de cima a sugestão do decote, o homem do bar respondeu”:

-D: *Pooode!*

O alongamento da vogal da sílaba tônica sinaliza o estado de espírito em que “o homem da caixa registradora” se encontrava, predisposto a ceder ao pedido da moça com segundas intenções.

Enquanto a moça “esperava o sinal do telefone”, “o rapaz do balcão olhava-a furtivamente e murmurou ‘gostosa’, de dentes trincados.

O adjetivo “gostoso” remete explicitamente ao domínio masculino, processado e armazenado na memória social. Quem prova, quem experimenta, quem saboreia é o macho. E a mulher é a “comida”, a fêmea que sacia os instintos famélicos do homem-macho. Aqui, tanto um como outro foram rebaixados à condição animal, libidinagem e lascívia, sem o erotismo que sacraliza os corpos.

No trigésimo sexto parágrafo temos: “*O homem da caixa olhou para o homem da porta e a cumplicidade masculina brotou nos olhares*”. Uma série de características da moça fazia aumentar o desejo libidinoso de homens anônimos por uma mulher-presa, indefesa: dedo (símbolo fálico), unha lilás (erotismo), ao lado de bêbado (protótipo da liberação dos instintos), água (lugar da germinação, início). Se antes se reconhece o desejo, agora ele é confirmado.

No trigésimo oitavo parágrafo temos: “*O homem da caixa piscou para o homem que fumava na porta como quem diz: você que estava certo*”. Essa interação pelo piscar sugere que os homens presentes sabiam, todos, o que queriam fazer com a moça. Ela era um alvo a ser atingido muito em breve.

Aqui o narrador onisciente se encarrega de selar o pacto velado entre as personagens masculinas. A frase - “*Uma armadilha azul fluorescente de eletrocutar moscas aguardava a vítima.*” – válida o percurso traçado até agora pelo analista: as personagens masculinas estão a um passo da satisfação de seus desejos. Tomando-se o verbo “eletrocutar” na transitividade com seu objeto – moscas – observa-se um desequilíbrio cruel entre o ser que fere e o que é ferido, ambos de acordo com a lógica da lei do mais forte: a presa deve ser abatida pelo predador. Um desfecho enraizado e validado pelos costumes, claro e fluorescente, como a luz do dia.

Nesse ponto vale ressaltar que no bar encontra-se em jogo uma relação existente entre os seres na natureza. A caça é o que garante a sobrevivência dos animais, mas, no presente contexto social, esse tipo de caça empreendido pelos caçadores constitui um comportamento social repudiado pela moral, atitude criminosa que não se encontra vinculada à sobrevivência, mas à satisfação de prazer doentia e marcada pelo gozo gerado também pela imposição e manifestação de poder do forte sobre o fraco.

O sexagésimo segundo parágrafo traz: “*O homem da porta, o rapaz do balcão e o homem da caixa se olharam rapidamente*”, temos o homem, desdobrado em três, desenvolvendo sua ação no espaço do bar, de modo a criar a seguinte relação de identidade: a presença de desejos, poderes masculinos e presença de mulher-objeto estão em consonância com o bar. Nesse espaço natural do bar, o objeto-valor que o enunciador apresenta é a psicologia do homem direcionada à realização de seu prazer sexual.

Os homens já haviam combinado tudo por sinais, quando a moça finalmente passou a falar com a mãe, justificando o fato de dormir fora de casa:

-D: *Olha, eu jantei aqui na cidade com a Marilda. Ora, mamãe, a senhora conhece a Marilda, até já dormiu aí em casa. É, é essa. Olha: agora a*

ECO-REBEL

gente vai ao cinema, viu? Que tarde, mamãe, tem uma sessão às dez e meia. Se ficar muito tarde eu vou dormir na casa dela. É só porque é mais perto, mamãe, senão a gente ia praí. Não tem. A senhora sabe que não tem. A senhora fala com papai pra mim? Não, eu não vou falar. Tá bom. Eu ligo depois do cinema. Só pra confirmar, hein, porque o mais certo é a gente ir pra lá. Um beijo. Bota a gatinha pra dentro, viu? Chau.

Não temos a/as fala/s da mãe, mas, nesse momento, tivemos o desenlace final, após a moça perguntar quanto era a ligação e o dono do bar responder: “-D: *pra você não é nada gostosa* (atrás dela). A moça se voltou rápida e viu que todas as portas do bar estavam fechadas. “*Os três homens, narinas dilatadas, formavam um meio círculo em torno dela*”.

Ressalte-se, ainda, que os indicadores linguísticos da subjetividade, que se manifestam na instância da enunciação - presença dos dêiticos, um “aqui e agora” presentes nas dimensões espacial e temporal dos enunciados, as marcas pelas quais um “eu” se situa na cena discursiva – no que se refere às personagens masculinas, são muito pouco demarcados. Quase não há comunicação entre as personagens, apenas expressões fáticas, gestuais, troca de olhares. Vejam-se os trechos:

“pois não, (homem do caixa), “a moça murmurou baixinho putz”, / “disse bajuladora pesadinho, hein.”

O homem da porta juntou os cinco dedos da mão direita e levou-os à boca num beijinho transmitindo ao homem da caixa sua opinião sobre ela.

O homem da caixa respondeu segurando a pontinha da orelha direita como quem diz é uma delícia.

Levar os dedos à boca simulando um beijinho e segurar a pontinha da orelha são mímicas apenas; não deixa de ser uma linguagem, mas linguisticamente pobre. As personagens masculinas não se dão a conhecer, a interlocução entre elas é quase inexistente, são arrastadas pelo desejo, brutalizando-se. Desprovidos dos entraves de uma ordem legal, o ato de estuprar fica livre das injunções de ordem moral.

Mas vamos insistir ainda mais na tese do estupro.

Recorrendo à teoria do duplo, de acordo com a psicologia, o duplo é o lado negro, a sombra, aquilo que não se quer ou não se pode trazer à luz, por vezes, o lado esquizofrênico da personalidade. O sujeito duplo é cindido, incompleto, sempre em conflito.

Para a psicanálise, o duplo nos acompanha desde os primórdios da psique humana. Ele seria a parte de nós mesmos, que estranhamos e relutamos a reconhecer.

Trata-se de um eu, que se duplica. Na literatura são personagens que se manifestam no confronto entre duas facetas, sempre em situação de instabilidade e de desorganização psíquica.

Exemplos clássicos na literatura são William Wilson, de Edgar Allan Poe, uma personagem que tem uma imagem péssima de si mesma, presa e enredada com suas angústias e incertezas; trava uma luta constante entre a consciência e a vontade. Outro exemplo a ser lembrado é o Dr Jekyll e Mr Hide em *O médico e o monstro* de Robert L. Stevenson. Jekyll representa o bem, o indivíduo bem conceituado socialmente, mas que tem os desejos reprimidos; Hide, o Mal, esconde

ECO-REBEL

os desejos escondidos que Jekyll não pode trazer à luz, porque são reprovados no contexto da sociedade. Quanto melhor é Jekyll, mais destrutivo é Hide.

No conto *O Bar*, as personagens masculinas são rasas psiquicamente, não se mostram cindidas, nem são possuídas por um drama de consciência. O freio da Lei e da Moral não as atinge. Fica problemático submetê-las ao viés da duplicidade psíquica. São corpos em ação apenas, aprisionados pelos instintos.

De fato, são corpos, não havendo nada de estranho, pois, se são voltados à sexualidade, já que ela é constitutiva da espécie humana. Mas é claro que as motivações humanas não são apenas de ordem sexual, visto que, como ser social, o homem vê-se impelido a recalcar seus instintos. Assim, no embate entre forças opostas, entre as pulsões e o recalçamento social, interpõe-se a imaginação, a consciência, capazes de fomentar no espírito humano outras motivações, suscetíveis de libertar o homem dos mecanismos redutores da censura e do recalçamento.

Além disso, a finitude irreversível instiga o ser humano a retardar a passagem do tempo, a erguer-se contra a fatalidade do destino. Por isso entram em cena a memória, a imaginação, os símbolos, a fabulação, propriedades que compõem a função fantástica, cujo sentido é domesticar e eufemizar a passagem do tempo.

A complexidade da condição humana transcende em muito o estágio dos instintos. O artista, ao levar para a arte essa realidade, não o faz como simples fotocópia, mas como representação desse real humano. É-lhe facultada a liberdade de escolher por onde enveredar para elaborar essa transfiguração, razão pela qual a literatura abarca uma fértil reconstrução de tipos humanos.

Ao tratar dessa dualidade intrínseca do ser humano, Gilbert Durand (1989) estabelece um roteiro teórico que pretende pacificar as divergências entre as correntes culturalistas e as psicologizantes, daí ter buscado na antropologia a base de compreensão para as motivações que determinam o comportamento humano. O trajeto antropológico de Durand – “ *a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social* ” – procura compreender as posturas, os gestos que balizam as manifestações humanas, sejam as da realidade, sejam as que a mimetizam como as transpostas para a arte.

Um dos pilares de Durand são os estudos da reflexologia, isso é, os gestos reflexológicos ou as dominantes reflexas com que o sujeito atua no meio em que se insere. Tomando por base a classificação de Leroi- Gourhan, elenca a dominante postural, a digestiva e a rítmica. Não nos cabe descrevê-las, mas quanto à rítmica apenas enfatizar que a sexualidade é o modelo natural dos gestos rítmicos. E que essa rítmica sexual não se atém à atividade sexual, mas se projeta também nos ritmos sazonais e cíclicos.

Concordando com Durand quanto à concomitância entre os gestos posturais do corpo, os centros nervosos e as representações simbólicas, nossas personagens masculinas são pouco propensas a um condicionamento cultural. Em outras palavras, ocorre uma quebra do acordo entre as pulsões reflexas das personagens e o meio, o espaço, no caso o bar. Recorrendo a Piaget, como faz Durand, há uma descontinuidade entre a assimilação, a acomodação sensório-motora em relação à acomodação mental. O que redundaria em um investimento simbólico e imaginativo praticamente nulo: o que importa é dar vazão aos instintos.

Ao banir de seu horizonte de atuação qualquer possibilidade de tomada de consciência em relação à moça, as personagens masculinas se reduzem apenas a corpos desejantes sem outra intenção a não ser a da entrega de um prazer imediato.

Voltando ao conto, há que se admitir que termina em suspense e não descreve o que aconteceu. Mas o percurso narrativo das personagens masculinas faculta ao leitor concluir que

ECO-REBEL

houve o estupro da garota, castigada por adentrar em um espaço normatizado culturalmente como de domínio exclusivo de homens. Mas e o leitor? E o analista? São cúmplices, testemunhas desmobilizadas para uma indignação?

Por isso nossa análise continua. Se autor e leitor se situam em tempo e espaço distintos, a interação comunicativa é assíncrona, mas nada impede que o autor, numa simulação interativa face a face, estabeleça com o leitor uma relação fiduciária, uma espécie de contrato de fé: “você, leitor, será capaz de penetrar em meu espaço mental e cumprirá as cláusulas do contrato.” O meio ambiente mental passa a ser o território de convergência entre autor e leitor. Já não se está mais no terreno da ficção, no qual o texto desafia o leitor a desvendar os sentidos ocultos da obra ficcional. O espaço comum entre autor e leitor não é mais a obra, mas o *locus* de produção e recepção do texto. Trocas, intercâmbios de ideias, ajustes e desajustes de comportamentos entre falantes se dão, porque são seres dotados de uma linguagem, exclusividade da espécie humana, já que portadora da capacidade de pensar, de imaginar, de interagir e de conectar-se uns com os outros. Somos visceralmente seres de linguagem, ou lembrando Octavio Paz: “as palavras são nossa única realidade.”

Expliquemo-nos com a ADE

Se a interação é a propriedade natural das línguas humanas, algo deve ficar claro: a origem fisiológica e anatômica da linguagem, centrada no cérebro pelas conexões entre os neurônios, torna a língua um fenômeno mental. O cérebro é, portanto, o território da língua como fenômeno mental. O meio ambiente mental da língua é o “locus” onde se armazenam os processos de aquisição da linguagem. As conexões entre as sinapses neuronais, comuns a todos os seres da espécie, é que permite a interação social entre os falantes. A condição do falante como um ser social torna a língua um fenômeno social e o “locus” dessas interações verbo-sociais é a sociedade (T3). Segundo Couto (2015, p.45) a descrição dos processos do território mental (cérebro) não se dá isoladamente, já que o ecossistema integral da língua pressupõe um dinamismo integrado entre língua (fenômeno anátomo-fisiológico e social), povo (agrupamento de indivíduos como sujeitos falantes) e território (sociedade como espaço de atuação dos falantes). A Ecolinguística Sistêmica, ao subdividir o ecossistema integral da língua em natural, mental e social, ampliou o campo de estudos linguísticos.

No que se refere ao ecossistema mental, há que se reconhecer que, em parte, isso foi possível graças ao desenvolvimento da linguística neurocognitiva, segundo a qual a língua é uma rede de interações e interconexões mentais. A teoria gerativa de Noam Chomsky aponta a existência de um componente mental inato, compartilhado por todos os seres humanos, portadores de uma gramática universal, isto é, um sistema de regras finitas, reproduzidas recursivamente, capazes de gerar um conjunto infinito de sentenças. A versão mais recente da teoria de Chomsky direciona-se para a formulação de um Programa Minimalista de formalização de regras

ECO-REBEL

internalizadas, disponibilizadas ao falante para a produção de sentenças e reforça a característica da Gramática Universal: dispositivo geneticamente inscrito em todos os seres humanos.

Em outras palavras, se existe na linguagem um dispositivo genético e se a organização do ecossistema mental da língua se concretiza a partir das conexões neuronais, há que se reconhecer os fundamentos neuro-fisiológicos da linguagem, já previstos no desenvolvimento das ciências biológicas.

Os estudos de Maturana e Varela (2001) sobre o aparecimento da linguagem humana são nos produtivos. Ao comparar a linguagem dos primatas com a dos humanos, os autores são enfáticos, ao apontar a relação entre o acoplamento linguístico na produção mental humana e a participação dos dois hemisférios cerebrais na produção da linguagem. No entanto, para os autores, o mental não se limita ao que está dentro do crânio, isto é, à materialidade de um cérebro. O mental *não é um fluido do meu cérebro: a consciência e o mental pertencem ao acoplamento social, e é nele que ocorre a sua dinâmica.* (*o.cit:* 256)

Enfatize-se, assim, a importância das conexões cerebrais na criação da linguagem humana, no entanto, Maturana e Varela vão além. A singularidade única da vida social humana e seu intenso manuseio da linguagem geraram um fenômeno novo: a formação da mente e da consciência. Isso foi possível graças à intensidade das interações por meio da linguagem. Cabe perguntar: a criação da mente humana se deve ao caráter recursivo da linguagem? Ou ainda: O que entendemos como consciência e mente advém de um sistema operacional linguístico, construído à base da repetição de esquemas linguísticos?

Embora partam de pressupostos distintos, a teoria de Chomsky não exclui a de Maturana e Varela e vice-versa. O modelo finito de sentenças a gerar um conjunto infinito de frases, de acordo com a teoria chomskyana, se apresenta no momento em que um falante interage com outro. Por sua vez, para Maturana e Varela o comportamento humano e a vida em sociedade se concretizam pelo funcionamento operacional da linguagem. É na troca de experiência com o outro que o homem atualiza seu potencial de comunicação. Leia-se o trecho:

“ percebemo-nos num mútuo acoplamento linguístico, não porque a linguagem nos permita dizer o que somos, mas porque somos na linguagem, num contínuo ser nos mundos linguísticos e semânticos que geramos com os outros (...) um modo de contínua transformação no devir do mundo linguístico que construímos com os outros seres humanos.. (op. cit: 257)

Considerações finais

O não equilíbrio na instalação do masculino com o feminino é que nos leva ao final disfórico do conto. A configuração da imagem da mulher é evidenciada pela relação mulher/coisa, mulher/objeto de prazer. As relações homem- mulher estão em desigualdade, não havendo inteireza de completude. Para se ter o equilíbrio, seria necessário que o homem possuísse em seu ecossistema natural, mental e social a imagem da mulher que vai do sensual, ao exótico ao divino. Assim não teria o ID desgovernado, configurando o conflito entre Eros (amor, união e libido) e Tânatos (destruição, agressividade e desunião).

Temos aqui a representação do homem que esquece, segundo (Lauand, 1994), da sua dignidade como ser humano, deixando de se levar pelas tendências de um animal irracional que não discerne entre o bem e o mal, o sofrimento que pode causar em outros. Um humano que se iguala ao animal de um rebanho, esquecendo a moral, a ética e os valores que são necessários para uma convivência harmoniosa. O homem deveria cumprir uma trajetória de resgate do feminino, e, portanto, de seu próprio eu, tornando-se um homem inteiro, completo, ao contrário do homem da caixa e dos outros, personagens de nosso conto. Para isso, poderíamos trabalhar mais a construção de uma masculinidade saudável que produza harmonia e equidade de gêneros, em todos os espaços possíveis: acadêmicos, midiáticos e familiares.

Retomemos, assim, a pergunta anterior quanto ao papel do analista diante do texto-discurso. A propriedade da ADE de delimitar um território comum a todos os indivíduos - *Mente* – leva o analista a assumir uma atitude responsável diante da análise. Se o resultado da análise não lhe permite conclusões definitivas, pelo menos, deve se sentir motivado a tomar um posicionamento.

O arco hermenêutico da obra de arte – pelo caráter mimético, sai da vida, entra na obra e volta para a vida, graças à recepção do leitor – confere ao analista a prerrogativa de adotar uma atitude virtuosa em sua práxis enunciativa. O estatuto da análise se amplia para um posicionamento ético: o de querer, dever e saber fazer. E o de crer que isso seja possível. O operador do discurso analítico, segundo a ADE, conjuga a metodologia da análise com o compromisso de produzir um impacto nos horizontes da recepção. Para tal deve criar de si uma imagem, um “ethos,” que nada mais é que uma imagem de credibilidade. A construção de um “ethos” discursivo é indissociável de um posicionamento político, no sentido amplo da palavra, uma disposição ativa para se solidarizar com o outro.

Por essa razão, a análise de uma obra que pretenda ser absoluta e irreversível perde relevância diante de valores universais que dignificam a existência humana: o amor, a alteridade, a primazia do poder de Eros sobre a violência de Ares.

Nestes tempos de violência e de desalento, sobrepõem-se os da esperança, em que um homem e uma mulher não se reconheçam apenas como seres portadores de uma sexualidade, mas, sim, como criaturas feitas do mesmo barro que forjou a humanidade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães [et al]. Campinas/SP: Pontes, 1989.

CHEVALIER, J & GHEERBRANDT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1996.

CHOMSKY, N. *Novos Horizontes no estudo da linguagem e da mente*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

COUTO, H. H. Linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 1, n. 1, 2015,

EISLER, R. *O cálice e a espada*. São Paulo: Palas Athena, 2007.

MATURANA, H. e VARELA, F. *A árvore do conhecimento*. São Paulo: Palas Athena, 2001.

SILVA, A. N. da. A criação de simulacros sobre o ecossistema linguístico: a comunicação virtual em jogos de RPG e MMORPG. *Ecolinguística: Revista Brasileira De Ecologia E Linguagem (ECO-REBEL)*, 3(2), 2017. 49–68.

Aceito em 05/12/21.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 3, 2021.